



## O RESGATE

A última ilusão foi partir os espelhos—  
E nas salas ducaes, os frisos de esculturas  
Desfizeram-se em pó... Todas as bordaduras  
Caíram de repente aos reposteiros velhos.

Atónito, parei na grande escadaria  
Olhando as destroçadas, imp'riais riquezas...  
Dos lustres de cristal—as velas d'ouro, acesas,  
Quebravam-se tambem sobre a tapeçaria...

Rasgavam-se setins, abatiam-se escudos;  
Estalavam de côr os grifos dos ornatos.  
Pelas molduras de honra, os lendarios retratos  
Sumiam-se de medo, a roçagar veludos.

Doido! Trazer ali os meus desdens crispados!...  
Tectos e frescos, pouco a pouco, ennegreciam;  
Panos de Arrás do que não-Fui emurcheciam—  
Velavam-se brazões subitamente errados...

Então eu mesmo fui trancar todas as portas;  
Fechei-me a bronze eterno em meus salões ruídos...  
—Se arranho o meu despeito entre vidros partidos,  
Estilisei em Mim as douraduras mortas!

Camarate—Quinta da Vitória.  
Outubro de 1914.

⊙ MARIO DE SÁ CARNEIRO ⊙